

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAMPO DUNAR EÓLICO DA FIGUEIRA DA FOZ À NAZARÉ

O campo dunar que se estende da Figueira da foz à Nazaré e que atinge uma largura máxima de 13 km imediatamente a norte da lagoa da Ervedeira apresenta várias fases de atividade eólica, separadas por períodos de desenvolvimento do coberto vegetal e formação de solo tipo podzol.

As sucessivas fases de movimentação eólica resultaram em depósitos cada vez menos para leste, provavelmente, pelo efeito de obstáculo exercido pela vegetação que se tem expandido para ocidente por controlo climático e antrópico.

A estabilização antrópica das dunas ter-se-á iniciado por volta do séc. XIII com sementeiras de *Pinus pinaster* (início da formação do Pinhal do Rei).

A última fase da atividade dunar, que se tem prolongado até à atualidade (início do século XX), tem sido condicionada por atividade antrópica (colocação de um ripado na ante-praia que deu origem ao cordão dunar frontal longilitoral). O objetivo foi transformar o inimigo terrível das sementeiras em amigo protetor, transformando as areias corredoras em abrigo.

A destabilização atual deste cordão dunar frontal com progressão para o interior através de corredores de deflação e blowouts, que entretanto se foram formando e que facilitam os galgamentos oceânicos, coloca a dúvida se deve haver nova colocação do ripado para impedir essa movimentação, ou pelo contrário se deve deixar seguir o percurso imprimido pelos ventos mais mobilizadores de areia. Atendendo a que a análise, durante vários anos, mostrou que essa movimentação deu origem a um novo cordão dunar frontal longilitoral a alguns metros mais para oriente, será de manter essa progressão mas ajudar a sua estabilização com plantas psamófilas. O facto de se formar mais para o interior vai permitir que, devido à atual transgressão marinha, a erosão que agora se está a verificar demore mais tempo a alcançá-lo. Pela mesma razão também os cordões antrópicos que estão a ser colocados em sua substituição, como o da Cova/Gala e o da Leirosa, deveriam situar-se mais para o interior. Na Cova/Gala o cordão arenoso feito em 2015 para substituição da duna frontal que tinha sido erodida e onde se estavam a verificar

galgamentos oceânicos, também já foi erodido. Contudo está a ser colocado, no mesmo local, novo cordão.

Na análise da deslocação dos sedimentos eólicos concluiu-se: - que foi, essencialmente, com vento de norte e de noroeste, o que está de acordo com a maior velocidade e especialmente com a maior frequência do vento destes rumos; - que a contribuição do vento de SW na movimentação de sedimentos é praticamente nula, pois está associado a perturbações da frente polar, normalmente ventos fortes mas que são antecidos ou acompanhados pela ocorrência de pluviosidade, ficando os sedimentos mais pesados e com mais aderência entre si (a água preenche os interstícios entre os grãos de areia); - que a maior parte da movimentação se fez por reptação ou em “pequenos saltos”; - que o vento, mesmo nas dunas interiores, desprovidas de vegetação arbórea, tem competência para deslocar sedimentos, esta análise torna-se importante agora que a maior parte da vegetação das matas litorais da zona centro foram destruídas pelo incêndio de 2017. Numa situação anterior, pós corte final de uma área do pinhal interior foi detetada alguma movimentação eólica.

Relativamente aos incêndios constatou-se que depois da ocorrência em 2013 de um grande incêndio, que se propagou até ao cordão dunar frontal, a destabilização/progressão das dunas tem sido maior. De outubro de 2011 a outubro de 2017 quantificámos a progressão de cerca de 42 m (7 m/ano) de uma duna do cordão dunar frontal. A progressão média das dunas deste cordão dunar, onde não ocorreu incêndio, tem sido (até ao grande incêndio de 2017) de cerca de 1,5 m/ano.

Neste campo dunar (da Figueira da Foz à Nazaré) O incêndio de outubro de 2017 propagou-se desde o sul da Mata Nacional de Leiria (Burinhosa/Pataias), passando pela Mata do Pedrógão, e terminou na parte norte da Mata do Urso (norte da praia do Osso da Baleia), correspondendo a uma frente oceânica ligeiramente superior a 30 km. O Relatório de Avaliação dos incêndios ocorridos entre 14 e 16 de outubro de 2017 refere que numa área total de 18.964,50 ha, arderam 14.402,10 ha, correspondendo a 76,67%. Na Mata Nacional de Leiria com 11.021,40, arderam 9.476,30 ha, correspondendo a 86%; na Mata Nacional do Pedrógão com 1.808,40 ha,

arderam 1.619,50 ha, correspondendo a 90%; na Mata Nacional do Urso com 6.134,70 ha, arderam 3.306,30 ha, correspondendo a 54%.

Esta área percorrida pelo incêndio irá, especialmente, depois do corte da vegetação ardida, nomeadamente do pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), espécie dominante, provocar a destabilização/movimentação dos sistemas dunares, mesmo dos situados mais no interior. Há situações em que a área ardida percorreu toda a mata, de poente a nascente, atingindo matas privadas só se detendo junto de terrenos de cultivo. O rebentamento imediato de espécies invasoras como as acácias está a impedir uma maior movimentação eólica das areias mas para que seja possível a sementeira e o desenvolvimento normal do pinheiro bravo será necessário cortá-las o que irá facilitar a destabilização das dunas.